

# Das cartas de leitores às redes sociais: o espaço para o sujeito na revista *Superinteressante*

(From *Letter to the editor* section to social networks:  
the space for the subject in the magazine *Superinteressante*)

Silmara Dela Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Letras – Universidade Federal Fluminense (UFF/FAPERJ)

silmaradela@gmail.com

**Abstract:** This article aims at analyzing the space for the subject in the magazine *Superinteressante* before and after the end of the section Letter to the editor by taking as discursive corpus: the editorial announcing the end of the section; a copy of the letters that were published in the magazine; and the new space for the readers, which publishes some of their manifestations in the electronic network. From the perspective of theoretical and methodological French Discourse Analysis, we analyze the discursive process in order to contribute to the discussions about the relationship between media and subject nowadays.

**Keywords:** Discourse Analysis; subject; meaning; letter to the editor section; social network.

**Resumo:** Este artigo tem como proposta analisar o espaço para o sujeito na revista *Superinteressante*, antes e depois da extinção de sua seção de cartas de leitores, tomando como *corpus* discursivo: o editorial que anuncia o final dessa seção; um exemplar das cartas que circularam na revista; e o novo espaço destinado aos dizeres dos leitores, que traz para o impresso algumas das manifestações desses sujeitos na rede eletrônica. Da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa, buscamos analisar os modos como se constituem, no dizer da revista, os sentidos para as cartas de leitores e para a seção que a substitui, com vistas a contribuir para as reflexões acerca da relação entre mídia e sujeito na atualidade.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; sujeito; sentido; cartas de leitores; redes sociais.

## Introdução

Em sua edição de número 293, com circulação no mês de julho de 2011, a revista *Superinteressante*<sup>1</sup> trouxe em seu editorial o texto com o título “A última carta”. Nesse editorial, o diretor de redação da revista anunciava a extinção da seção de cartas de leitores e a sua substituição por uma nova seção, chamada “MundoSuper”, dedicada à apresentação do “que de melhor disserem” os leitores nas “diversas” instâncias on-line da publicação, como a comunidade da revista no *Facebook*, o espaço para comentários de leitores em seu *site* e o seu perfil no microblog *Twitter* (GWERCMAN, 2011).

Anunciada como um diferencial da *Superinteressante* em relação às demais revistas, a extinção do espaço dedicado à reprodução das cartas de leitores coloca em questionamento o espaço destinado aos sujeitos leitores no interior das publicações, alterado diante das novas tecnologias e do surgimento das redes sociais. Como pensar discursivamente este gesto de extinção de um espaço anteriormente reservado a manifestações de leitores?

<sup>1</sup> A revista *Superinteressante* é uma publicação da Editora Abril que tem como proposta, segundo definição presente no *site* da Editora, abordar “grande diversidade de assuntos, como comportamento, saúde, tecnologia, futuro, história, aventura, ciência”, de um modo “dinâmico” e “bem-humorado” (SUPERINTERESSANTE, 2011).

Quais as implicações para o sujeito da substituição das cartas (ou *e-mails*) por *posts* nas redes sociais? Essas são questões que motivam este trabalho, que tem como objetivo geral analisar o espaço para o sujeito na revista *Superinteressante*, antes e depois do fim de sua seção de cartas dos leitores.

Este trabalho integra-se, assim, a dois eixos de pesquisa: 1) ao projeto *Mídia, sujeito e sentidos: o discurso midiático na constituição de sentidos para o sujeito urbano brasileiro*, que tem como questão central a análise da relação entre sujeito e mídia no discurso midiático<sup>2</sup>; 2) e ao projeto *Cartas, comentários, efeitos: uma análise discursiva dos espaços para o sujeito na mídia*, que decorre do primeiro e que tem como foco a análise dos lugares para os dizeres dos sujeitos em impressos e na rede eletrônica.

O *corpus* de análise é composto pelo editorial “A última carta”, pela seção “MundoSuper” dessa mesma edição da revista e pela última seção de cartas de leitores, nomeada “Fórum”, publicada na edição anterior da *Superinteressante*, com circulação em junho de 2011.

Como objetivos específicos, buscamos analisar: a) como se constituem, no dizer da revista, os sentidos para as cartas de leitores e para a seção que a substitui, ancorados no contraponto entre as antigas cartas e os e-mails (“não mais recebidos”, como afirmado no editorial da revista) e as manifestações e os comentários de leitores nas redes sociais; b) os modos como se marcam os sujeitos leitores em seus dizeres nas cartas (em sua última seção) e nas postagens a eles atribuídas nas redes sociais (reproduzidas na nova seção).

Como fundamentação teórica e metodológica, adotamos os princípios da Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux, perspectiva que compreende o discurso enquanto “efeito de sentido” por e para sujeitos, e que, como tal, deve ser pensado não como um texto, mas em referência “ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 79). Para pensar as condições de produção do discurso, recorreremos ainda a estudos sobre as cartas de leitores na mídia, buscando projetar sobre eles um olhar discursivo.

Compreendemos, como Orlandi (2001a), que os processos de produção de sentidos “implicam três momentos igualmente relevantes”: “sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo”; a formulação “em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas” e a circulação, “que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições” (ORLANDI, 2001a, p. 9). Pensamos, assim, que alterar os modos de circulação das manifestações de leitores na mídia produz os seus efeitos, efeitos estes que aqui buscamos compreender.

### **Sobre as cartas de leitores nos impressos: as condições de produção**

Antes de passarmos às análises da materialidade linguística do editorial “A última carta” e da nova seção da revista *Superinteressante*, em comparação à sua seção tradicional de cartas de leitores, que constituem em seu conjunto o nosso *corpus* de análise, centramo-nos em algumas breves considerações acerca de suas condições de produção, uma vez que a análise discursiva, como já afirmamos, considera o dizer em suas relações

---

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa docente em andamento junto ao Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras da UFF. Esse projeto recebeu auxílio FAPERJ, via edital INST 2011 (Processo n. E-26/110.841/2012).

com o já-dito, com as suas condições imediatas de enunciação, e também com as condições sócio-históricas que o constitui (cf. ORLANDI, 2001b).

No caso das cartas de leitores, que aqui nos interessam especificamente, pensamos que um olhar para as suas condições históricas de comparecimento nos impressos pode nos ajudar a pensar o seu funcionamento enquanto um espaço destinado ao dizer dos sujeitos leitores, bem como permitir-nos questionar o efeito de evidência (PÊCHEUX, 1997a [1975]) de sua presença nos impressos e, posteriormente, de sua ausência na revista *Superinteressante*, que aqui analisamos.

Como registram os estudiosos da Comunicação em trabalhos sobre a história e o desenvolvimento da imprensa, as seções de cartas de leitores são instituídas em publicações jornalísticas no século XX, como uma consequência da separação dos espaços destinados aos chamados textos informativos daqueles reconhecidos como opinativos, que passam a ser privilegiados nas publicações já no século XIX. As cartas de leitores comparecem, assim, como um dos espaços decorrentes da separação entre textos que são escritos a partir dos novos padrões jornalísticos de objetividade, com vistas à consolidação do imaginário de que o texto jornalístico constitui-se apenas de um relato daqueles que são considerados os acontecimentos jornalísticos de um dado período (DELA-SILVA, 2011), e os textos que expressam de modo declarado posições sobre uma dada questão.

Marques de Melo (1985), em seu clássico estudo sobre o jornalismo opinativo, marca essa divisão dos textos jornalísticos em informativos e opinativos de um modo que nos parece significativo para a compreensão das condições de produção deste discurso da imprensa e do fazer jornalístico:

[...] o *jornalismo informativo* afigura-se como categoria hegemônica, no século XIX, quando a imprensa norte-americana acelera seu ritmo produtivo, assumindo feição industrial e convertendo a informação de atualidade em *mercadoria*. A edição de jornais e revistas que, nos seus primórdios, possui caráter de participação política, de influência na vida pública, transforma-se em negócio, em empreendimento rentável. [...] Evidentemente o *jornalismo opinativo* não desaparece. Na prática, ele tem o seu espaço reduzido, sua presença na superfície impressa circunscrita às páginas chamadas “editoriais”.<sup>3</sup> (MARQUES DE MELO, 1985, p. 15)

Como vemos, é diante das novas práticas de produção de notícias em grande escala e da constituição da imagem de “relato objetivo dos fatos” para a escrita jornalística que se instituem os espaços que hoje consideramos opinativos. É a partir da delimitação desses espaços como opinativos que se produz o efeito de evidência de que os demais espaços existentes em uma publicação não exprimem opiniões, sendo, pois, tão somente informativos. Essa naturalização da divisão entre informação e opinião, a nosso ver, é bem característica do discurso jornalístico que, como afirma Mariani, busca “organizar e ordenar cotidianamente os acontecimentos, de modo a mostrar que pode haver mais de uma opinião/explicação para o fato em questão, mas nunca um fato diferente do que foi relatado” (MARIANI, 1998, p. 63).

Como também relata Marocco (2006), em seus “Apontamentos sobre a presença do leitor no jornal”, até o século XIX, eram frequentes a circulação de relatos e memoriais escritos por leitores nas páginas das publicações. Nos termos da autora: “Os diálogos

3 *Itálicos* do autor.

com o leitor, portanto, eram travados no espaço da notícia, não havia sido cristalizado o distanciamento do repórter na terceira pessoa discursiva na figura da objetividade jornalística” (MAROCCO, 2006, p. 5). E prossegue: “O diálogo direto com o leitor vai se perder com a cristalização do paradigma da objetividade, que traz para dentro do jornal a impessoalidade do jornalista e a figura da fonte, em seu lugar determinado pela aspa, pela citação jornalística” (idem), o que culmina com a instituição de espaços específicos para os dizeres dos leitores, dentre aqueles reservados para a opinião.

Cabe ressaltar, no entanto, que dentre esses espaços reconhecidos como opinativos, e que incluem, por exemplo, editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricaturas e charges (cf. MARQUES DE MELO, 1985), somente a seção de cartas é destinada ao dizer dos sujeitos-leitores, o que por si só já marca o desnível entre o dizer legitimado pelas publicações jornalísticas (de jornalistas e convidados especialistas) e o dizer dos leitores na mídia impressa.

Na história do jornalismo brasileiro, as cartas comparecem como seções específicas a partir da década de 1950. Conforme Santhiago (2004), essas primeiras seções são encontradas nos jornais *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*. Desde então, tornam-se presença frequente nas publicações impressas brasileiras como único espaço reservado ao dizer dos leitores, em resposta aos dizeres da mídia.

Na revista *Superinteressante*, que aqui tomamos para constituição de nosso *corpus* de análise, a seção de cartas “Fórum” é publicada nesse formato desde julho de 2000, quando passou a substituir a seção “O Leitor é Super”. Segundo os relatos da própria revista, a seção tem como objetivo “mostrar a intensa relação da revista com o público” (PEREIRA, 2000) e, para isso, passou a abrir espaço para o “intercâmbio on-line”, incluindo em suas páginas “pesquisas, fóruns, todo tipo de opinião” enviada pelo *site* da publicação.

Assim, vemos que a seção de cartas da *Superinteressante* que estamos considerando em nosso *corpus* analítico já havia passado por uma reformulação, de modo a abrigar não apenas cartas, mas todas as manifestações dos leitores, mesmo feitas on-line. É justamente sobre esses deslocamentos nos espaços destinados aos leitores nas publicações proporcionados pelas novas tecnologias que passamos, a seguir, a fazer algumas observações.

## **Das cartas de leitores às redes sociais: deslocamentos**

Nos últimos anos, temos assistido a várias mudanças na configuração dos espaços tradicionais nos impressos, em decorrência de sua ampliação (e em alguns casos “deslocamento”) do papel para o virtual. De natureza semelhante às cartas, por destinarem-se igualmente às manifestações de sujeitos leitores, primeiramente vieram os espaços para comentários em *sites* de últimas notícias; com o desenvolvimento das redes sociais, apareceram também os espaços para comentários aos *posts* das publicações em suas páginas nessas instâncias, que funcionam imaginariamente como extensões dos impressos na rede eletrônica.

No âmbito das Ciências da Comunicação, muito se tem falado sobre a interatividade como uma tendência na mídia, proporcionada pela rede eletrônica e pelo desen-

volvimento de novas tecnologias, como os *laptops*, *tablets* e celulares com livre acesso a internet, dentre outras. Noções como as de jornalismo participativo e mídia cidadã, compreendidas como decorrentes de “um modelo de jornalismo em que o leitor/usuário deixa de ser um mero receptor” e passa a participar “do processo de produção de um conteúdo jornalístico” (CAVALCANTI, 2008, p. 2) são decorrentes dessa imagem de sujeito-leitor conectado à internet e, conseqüentemente, às mídias, e da tendência de ampliação dos espaços para os dizeres dos sujeitos na mídia: das tradicionais cartas de leitores para os comentários; dos comentários às notícias para o envio de pautas e fotos; do envio de materiais a serem utilizados na produção jornalística para a produção de reportagens sob a supervisão de profissionais da mídia. São essas novas tendências midiáticas e as (novas) relações que elas proporcionam entre mídia e sujeito que tomamos como foco no âmbito do eixo de pesquisa *Cartas, comentários, efeitos: uma análise discursiva dos espaços para o sujeito na mídia*, como já mencionamos.

Tradicionalmente, as reflexões sobre esses espaços para os sujeitos na mídia, no campo das Ciências da Comunicação, apresentam análises quantitativas sobre a participação dos leitores-internautas em uma publicação, ou fazem uma descrição de novas tendências. No caso das análises de cartas de leitores e comentários, normalmente elas compreendem uma estimativa do percentual ocupado pelo dizer dos leitores, com base no número de cartas publicadas em um periódico, por exemplo (cf. CHAPARRO, 1992), e dedicam-se à proposta de classificação dos gêneros textuais, que incluem as cartas de leitores e os comentários como gêneros jornalísticos opinativos (MARQUES DE MELO, 1985, 1992; CHAPARRO, 1992; COELHO, 1992). No caso dos trabalhos sobre jornalismo participativo, costuma-se priorizar a reflexão sobre o impacto desta participação dos leitores no fazer jornalístico, nas práticas de produção das notícias e transmissão das informações (CAVALCANTI, 2008).

Neste trabalho, como já mencionamos, propomos um olhar discursivo (DELA-SILVA, 2011) para esses espaços destinados aos sujeitos-leitores. Desta perspectiva discursiva, deslocamo-nos em relação à visão corrente que considera os dizeres em circulação na mídia como “mensagens transmitidas ao público-leitor”. Pensamos, como Orlandi (2001b), que as práticas jornalísticas e midiáticas constituem discursos (e não mensagens), compreendidos como processos de produção de sentidos por e para sujeitos. E nos questionamos sobre a possibilidade de analisar os espaços destinados aos sujeitos-leitores nas publicações, com foco nas possibilidades que os sujeitos-leitores têm de trazer para as suas respostas outros dizeres que escapam àqueles em circulação na mídia, constituindo assim os espaços para os seus dizeres na mídia como lugares de interlocução e não apenas de interação via novas tecnologias.

Para esta distinção entre interação e interlocução, recorremos a Grigoletto (2011), que, da perspectiva da Análise de Discurso, compreende a interação como a relação entre o sujeito e a máquina, um movimento que “exige mesmo do sujeito uma ação, que já é pré-programada, e que permite determinadas ações e exclui outras” (p. 59). Já a interlocução pressupõe uma relação entre sujeitos, como “um movimento da ordem do intersubjetivo” (GRIGOLETTO, 2011, p. 59).

É com este propósito mais geral que, neste trabalho em específico, centramo-nos em algumas considerações analíticas sobre o editorial que anuncia o final da seção de cartas de leitores na revista *Superinteressante*, e sobre a seção “MundoSuper”, que substituiu

a seção de cartas, buscando compreender o discurso da revista sobre os novos espaços para os sujeitos na mídia, proporcionados pela rede eletrônica.

### **Do texto ao discurso: algumas considerações teórico-analíticas**

Diante de nossos objetivos de analisar o discurso da revista *Superinteressante* sobre o final de sua seção de cartas de leitores, tendo como foco o modo como se constituem, no dizer da revista, os sentidos para as cartas de leitores e para a seção que a substituí, iniciamos as nossas considerações teórico-analíticas com base na materialidade linguística do editorial “A última carta”, assinado pelo diretor de redação da revista (GWERCMAN, 2011), que abre a edição de julho de 2011.

Para uma melhor compreensão do material analisado, iniciamos com a reprodução dos quatro parágrafos que compõem o referido texto, na sequência discursiva (1):

SD(1) Todas as revistas do mundo são iguais, ou pelo menos é isso que as páginas iniciais revelam. A capa é seguida de alguns anúncios, uma lista das principais reportagens publicadas na edição, um texto do editor em geral mercedosamente ignorado pelos leitores e uma seção de cartas com comentários referentes às matérias do mês anterior. Dá para dizer que a SUPER é exatamente assim, exceção honrosa ao fato de que, em vez de simplesmente listar as reportagens de cada edição, a gente transforma esses dados em um infográfico batizado com o simpático nome de Cardápio.

Mas a partir deste mês a SUPER passa a ser um pouco mais diferente de todas as revistas do mundo. Nossa seção de cartas deixa de existir. Por um motivo muito simples: a gente praticamente não recebe mais cartas ou e-mails por aqui. Hoje em dia, quando nosso leitor quer dizer o que pensa, ele vai lá e diz. Entra no Facebook, junto aos mais de 45 mil fãs da nossa comunidade; deixa um comentário no site da SUPER; publica no Twitter, em que o perfil @revistasuper tem quase 450 mil seguidores.

No lugar das cartas passaremos a publicar uma nova seção, chamada MundoSuper. Ali estará o que de melhor disseram nossos leitores em qualquer uma das muitas plataformas da comunidade SUPER. E isso inclui, é claro, os e-mails que seguirão sendo enviados para nós (o compromisso continua sendo ler e responder pessoalmente a cada um deles).

A estreia do MundoSuper coincide com a chegada à redação do jornalista Felipe van Deursen, que será o responsável pela seção. Até o mês passado, Felipe integrava nossa equipe da web. Agora editor, ele dá expediente todos os dias dentro da revista – uma revista em que as fronteiras entre digital e impresso são cada vez menos visíveis.

Para fins de análise, segmentamos o segundo e o terceiro parágrafos do editorial em três sequências discursivas [SD(2), SD(3) e SD(4)], que passaremos a apresentar, com base no batimento entre descrição e interpretação, conforme proposto em Pêcheux (1990 [1983]).

Uma primeira questão importante que destacamos é a distinção entre texto e discurso na Análise de Discurso. Embora adotemos o texto como ponto de partida para a análise, ele se configura para o analista de discurso como a materialidade linguística a partir da qual se constituem os efeitos de sentido possíveis, que temos como objetivo analisar. Nos termos de Orlandi: “Ao objeto teórico ‘discurso’ corresponde assim o domínio analítico do ‘texto’, constituído pela relação da língua com a exterioridade.” (2001a, p.74).

É, pois, para passarmos à compreensão do discurso enquanto efeito de sentidos para e por sujeitos que segmentamos o texto do editorial em sequências discursivas, como já mencionamos, buscando as marcas na formulação do dizer que possibilitam os gestos de interpretação. Iniciamos as nossas considerações com a SD(2):

SD(2) Mas a partir deste mês a SUPER passa a ser um pouco mais diferente de todas as revistas do mundo. Nossa seção de cartas deixa de existir. Por um motivo muito simples: a gente praticamente não recebe mais cartas ou e-mails por aqui.<sup>4</sup>

Um primeiro ponto que gostaríamos de destacar na SD(2) é o efeito de naturalização que se produz no dizer da revista para a eliminação da seção de carta dos leitores de suas futuras edições, na afirmação: “Nossa seção de cartas deixa de existir”. A eliminação do agente da ação, pelo emprego da voz passiva, é a responsável por esse efeito, que direciona para o sentido de que as cartas de leitores simplesmente “deixam de existir”, quando, de fato, sabemos que esse espaço é substituído por uma nova seção por uma decisão editorial da revista. Ao justificar a saída da seção de cartas pela ausência de recebimento de cartas e *e-mails* (“a gente praticamente não recebe mais cartas ou e-mails por aqui”), a publicação, em seu dizer, promove um apagamento dessa decisão editorial de substituir a seção de cartas, nomeada “Fórum”, pela seção “MundoSuper”, ao mesmo tempo em que coloca em evidência um processo corrente no jornalismo atual de esvaziamento do impresso em função do digital.

Diríamos que esse esvaziamento é mesmo parte das condições de produção do discurso jornalístico na atualidade: são inúmeras as ações das empresas de comunicação que visam à integração entre os impressos e às suas extensões na rede eletrônica, como a criação de fóruns de discussão e enquetes nos *sites* das publicações, a produção de conteúdos para circulação exclusiva na *web*, e mesmo a migração de publicações na íntegra ou de editorias inteiras para o digital.<sup>5</sup> São práticas que, em sua maioria, possuem uma justificativa de ordem econômica, de redução de custos de impressão e circulação, e que impactam diretamente as práticas jornalísticas na atualidade, uma vez que alteram as condições de circulação desses dizeres.

Ao mesmo tempo, a afirmação de que não se recebem mais cartas e e-mails na redação da revista traz como pressuposto a afirmação de que “os sujeitos leitores não enviam mais cartas e e-mails”, o que reafirma a formação imaginária da revista como atendida às necessidades de seus leitores e reitera o sentido de proximidade e cumplicidade entre a publicação e os seus leitores. Por formações imaginárias compreendemos, conforme Pêcheux (1997 [1969]), o jogo de imagens que possibilita a formulação do discurso, compreendendo, neste caso, a imagem que a revista, enquanto uma posição sujeito discursiva, faz de si e de seus leitores, bem como a imagem que os sujeitos do discurso fazem daquilo sobre o que falam. Deste modo, a formulação da revista constitui para as cartas a formação imaginária de algo ultrapassado e pouco usual nas práticas dos leitores a quem se dirigem.

Para pensarmos um pouco mais nessa relação entre mídia e sujeito, passamos a algumas considerações analíticas sobre a SD(3):

SD(3) Hoje em dia, quando nosso leitor quer dizer o que pensa, ele vai lá e diz. Entra no Facebook, junto aos mais de 45 mil fãs da nossa comunidade; deixa um comentário no site da SUPER; publica no Twitter, em que o perfil @revistasuper tem quase 450 mil seguidores. (grifos nossos)

4 Grifos nossos.

5 O clássico exemplo de migração de uma publicação na íntegra para a internet é o *Jornal do Brasil*, que deixou de circular impresso em setembro de 2010. Dentre as editorias de jornais que passaram a circular exclusivamente na *web*, mencionamos a revista digital *Megazine*, do jornal *O Globo*, que passou de um caderno no impresso para uma editoria no digital. O caso da revista *Megazine* é analisado na monografia de conclusão de curso de graduação em Jornalismo da aluna Letícia da Silva Queiróz, defendida no Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da UFF, sob minha orientação (QUEIROZ, 2012).

Na SD3, uma questão que gostaríamos de ressaltar é a afirmação, no dizer da revista, da formação imaginária do sujeito leitor como aquele que tudo pode dizer e a qualquer momento, o que se marca na formulação do dizer em: “...quando nosso leitor quer dizer o que pensa, ele vai lá e diz.” Contudo, esse espaço que encerra em si a possibilidade do tudo dizer para o sujeito leitor não é a própria revista, como se percebe, no fio do discurso, pelo dêitico “lá” que o especifica. Na SD3, “lá” é retomado por instâncias disponíveis na rede eletrônica, a saber: *Facebook*, site da revista, *Twitter*, ou seja, espaços que não são a revista, mas que se apresentam como extensões dela na rede.

A relevância desses “novos” espaços para o dizer do sujeito leitor/internauta é reafirmada pelo recurso aos números (“45 mil fãs da nossa comunidade no Facebook”; “450 mil seguidores no Twitter”), o que confere um efeito de referencialidade ao dizer da revista, bem característico do funcionamento do discurso jornalístico. Conforme Mariani (2006, p. 34), “o discurso jornalístico constrói-se [...] com base em um pretense domínio da referencialidade” e “decorrem daí vários efeitos constitutivos dos sentidos veiculados como informações jornalísticas: objetividade, neutralidade, imparcialidade e veracidade”, como já mencionamos na parte inicial deste trabalho, ao tratarmos da distinção entre os textos informativos e os textos opinativos na imprensa.

A afirmação da formação imaginária da possibilidade de tudo dizer para o sujeito leitor nos espaços da rede eletrônica pode ser compreendida, inicialmente, como um diferencial dos “novos” espaços para o dizer dos leitores em relação às práticas correntes das seções de cartas de leitores, sempre pautadas pelo filtro da edição. Esse processo de seleção das cartas a serem publicadas é especificado, por exemplo, no trabalho de Soares (2006), que faz uma análise discursiva de seções de cartas nas revistas *Veja* e *Isto é*, que circularam em meados da década de 1980. Nos termos desse autor: “... a revista se reserva o direito da publicação ou não da carta que chega à redação e, além disso, nada garante que ela seja publicada na íntegra, tampouco há critérios claros sobre a seleção das cartas, além da questão do espaço (reduzido) ou da clareza do texto.” (SOARES, 2006, p. 12). É o reconhecimento dessa escolha do periódico sobre o que pode ou não ser dito na seção destinada ao dizer dos leitores nos impressos que faz com que autores das Ciências da Comunicação, como Chaparro (1992, p. 63), apontem a carta como “... uma concessão ao leitor, administrada em proveito do jornal”.

Os espaços na rede eletrônica, a princípio, são apresentados como o contraponto, como o escape a esse filtro da edição e, por isso, o espaço da “livre” manifestação do pensamento dos sujeitos leitores, agora internautas. Sabemos, no entanto, que tudo não se pode dizer e que na relação do sujeito com as instâncias midiáticas na rede eletrônica, embora a interação esteja assegurada, a possibilidade de interlocução, nos termos de Grigoletto (2011), compreendida como uma relação entre sujeitos, uma real escuta dos dizeres em circulação não é assegurada pela simples possibilidade de interação.

De fato, a rede eletrônica amplia as possibilidades de interação do sujeito e, no caso de sua relação com a mídia, permite que o sujeito leitor-internauta desempenhe certas ações antes impossíveis, como uma manifestação de opinião após a leitura de cada notícia ou a discussão de um tópico em um fórum de discussão. Ao mesmo tempo, é próprio da interação a exclusão de outras ações, parafraseando Grigoletto (2011). O que não se pode é afirmar a interlocução pela simples interação, e pensamos que esse é um ponto relevante a se considerar diante das mudanças proporcionadas pela rede eletrônica.



Além disso, como nos mostram os trabalhos de Romão (2011), na rede eletrônica os dizeres não estão assegurados ou garantidos: os arquivos tornam-se indisponíveis e o seu controle também escapa aos sujeitos. Como afirma a autora, ao questionar-se sobre a relação entre o político e as técnicas de gestão e gerenciamento de arquivos na rede eletrônica:

[...] há uma instância de controle e comando na rede eletrônica que permite ao sujeito apenas navegar pelas águas autorizadas na info-maré, isto é, o navegador pode, sim, criar arquivos e tagarelar à vontade, desde que as vozes de comando da internet o permitam. O caminho, aparentemente de livre acesso, está negado e põe em funcionamento outro saber e poder sobre os arquivos e a circulação deles... (ROMÃO, 2011, p. 147)

Para avançarmos um pouco mais, passemos à SD(4):

SD(4) No lugar das cartas passaremos a publicar uma nova seção, chamada MundoSuper. Ali estará o que de melhor disseram nossos leitores em qualquer uma das muitas plataformas da comunidade SUPER. E isso inclui, é claro, os e-mails que seguirão sendo enviados para nós (o compromisso continua sendo ler e reponder pessoalmente a cada um deles).

Na SD(4), podemos observar que, diferentemente do anúncio sobre a seção que seria extinta, ao dizer daquela que a substituirá, a revista o faz pelo emprego da voz ativa, assumindo a responsabilidade pela decisão: “No lugar das cartas passaremos a publicar uma nova seção, chamada MundoSuper”, marcando, esta sim, como uma prática assumida.

Contudo, o que mais nos interessa na SD(4) é a definição dada pela revista para o conteúdo a ser publicado na nova seção: “Ali estará o que de melhor disserem nossos leitores em qualquer uma das muitas plataformas da comunidade SUPER.” Assim, “o que de melhor disserem nossos leitores” qualifica os novos dizeres dos sujeitos internautas que ainda comparecerão nas páginas da revista. Do espaço apresentado imaginariamente como aberto a qualquer manifestação de pensamento na rede eletrônica, alguns dizeres serão selecionados para compor a nova seção, sendo, assim, legitimados pela publicação. Diante disso, cabe-nos perguntar: não se trata de um mesmo tipo de filtro que aquele já existente e amplamente utilizado para a seleção das cartas de leitores que serão publicadas em meio a tantas recebidas? Podemos dizer que há mudanças entre a antiga seção de cartas e o espaço “MundoSuper”?

Para refletir sobre tais questões, passaremos a breves análises sobre a última seção de cartas de leitores, publicada na edição anterior da *Superinteressante*, em junho de 2011, em comparação à primeira seção “MundoSuper”, que circulou nessa mesma edição (número 293) em que saiu o editorial “A última carta”.

## Das cartas à rede eletrônica: mudanças?

A seção de cartas de leitores que circulou na revista *Superinteressante* até a sua edição de junho de 2011, com o nome “Fórum”, já possuía uma extensão on-line no *site* da revista, como mostramos anteriormente, ao citarmos Pereira (2000). Na edição que aqui trazemos (número 292), a informação dada pela revista é de que teriam sido recebidas 539 mensagens durante o mês de maio, contemplando os diferentes assuntos que circularam em sua edição anterior. Dessas 539 mensagens, são publicadas na seção somente seis, sendo que quatro delas são dedicadas a apresentar opiniões diversas sobre uma mesma matéria, que tratava da aprovação à união estável entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal. Nas SDs(5)<sup>6</sup>, apresentamos uma breve síntese das cartas que compõem esta última edição da seção:

- SD(5) Tenho um companheiro espanhol há 6 anos e creio que a Justiça vem acolhendo nossos direitos de forma promissora. [...] Outra vitória foi quando meu plano de saúde o aceitou como dependente. São provas de que estamos no caminho de um Brasil mais justo não só para os homossexuais, mas para todos. (J.G.)
- SD(5') Fiquei ofendido e embascado com a matéria. Acredito em liberdade de expressão e que as pessoas devem ter o direito de dizer se forem contra o homossexualismo... (O.S.Jr.)
- SD(5'') Ao ler a matéria, fiquei chocada com a declaração de Jair Bolsonaro. [...] Acho certo que o Supremo Tribunal Federal tenha legalizado o casamento gay na semana passada. (C.H.B.)
- SD(5''') Olha, sei que existe lei contra preconceito, mas o que fazer se somos contra essas relações? [...] Os homossexuais deveriam sair desse problema pedindo a Deus que os abençoe. É complicado ter opiniões proibidas. (L.R.G.)

Como podemos observar nas SDs(5), reunidas sob o título “A questão gay”, as quatro cartas publicadas se dividem entre opiniões favoráveis à decisão do STF, contrárias ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo e contrárias ao preconceito ainda vigente na sociedade. A seção reafirma, assim, a formação imaginária das cartas de leitores como um espaço democrático, plural, em que é possível manifestar opiniões diversas a respeito dos assuntos priorizados pela publicação, ainda que, de fato, alguns dizeres sejam privilegiados e outros tantos sequer compareçam. Ou seja: mantém-se a estrutura corrente de qualquer seção de carta de leitor.

De modo semelhante, a seção “MundoSuper”, que a substituí, continua a ser apresentada como tendo a sua extensão na rede, no *site* da *Superinteressante*. No entanto, ela apresenta uma estrutura diferenciada, que pode ser dividida em duas partes. A primeira, é destinada à apresentação, em forma de infográfico, das diversas plataformas da revista (a revista e as suas extensões viabilizadas pelas novas tecnologias), com o título “Os destaques da SUPER em todas as plataformas”, sobre a qual falaremos mais adiante. A segunda parte, por sua vez, traz uma versão repaginada das manifestações de leitores, com algumas das mensagens postadas no *Twitter*, balanço com números de quantos usuários curtiram uma determinada publicação no *Facebook* e dizeres de leitores, sempre com a especificação de seu local de circulação.

---

<sup>6</sup> Embora na seção da revista os autores das cartas estejam identificados com o seu nome por extenso, neste artigo, optamos por mencionar apenas as iniciais de cada nome dos leitores, ao final das sequências discursivas.

Nessa segunda parte, percebemos, de um modo geral, que a seção “MundoSuper” diferencia-se das seções de cartas convencionais por dar ênfase ao total de participação de leitores, recorrendo aos números em várias situações, como apresentamos na SD(6):

- SD(6) 464 curtiram no *Facebook* “Casais que bebem juntos têm menos problemas”, na antevéspera do Dia dos Namorados. Novo Recorde!;
- Conteúdos mais clicados no Twitter: 5534 – 6 maneiras que o seu cérebro encontra de te enganar;
  - percentual de acessos a vídeos no Youtube: 57,6% “As mulheres dominam o mundo” e 42,4% “Os homens dominam o mundo”.

Podemos interpretar esse recurso aos números em consonância à prática jornalística da busca por “dados”, que visa a conferir o efeito de objetividade ao discurso jornalístico (“os números mostram”), parte da memória discursiva sobre o jornalismo (ORLANDI, 2001a). Mas também pensamos que essa substituição dos dizeres pela sua representatividade numérica pode ser uma consequência das novas relações entre sujeito e mídia: um acesso irrestrito a conteúdos digitais, via novas tecnologias, que apaga a possibilidade de uma interlocução com outros sujeitos e com a mídia, como vínhamos questionando, com base na distinção proposta por Grigoletto (2011) entre interação e interlocução. Diante do maquinário das novas tecnologias, ao sujeito é dada apenas a possibilidade de interagir com a máquina, uma interação que apaga o próprio dizer do sujeito, no momento em que o dissolve em números.

Um outro modo de comparecimento do dizer dos sujeitos, nesse espaço da “MundoSuper”, está na incorporação do relato da revista sobre o que disseram o(s) leitor(es), empregando para isso o discurso relatado. A SD(7) mostra esse funcionamento observado na nova seção:

- SD(7) O leitor Loivo Lemes, inspirado pela matéria de capa do mês passado, verificou os aprovados em um concurso público de Chapecó (SC). Ele constatou na prática que, apesar do equilíbrio, as mulheres começam a deixar os homens para trás. Loivo chegou a este resultado: Mulheres aprovadas 1347 (50,10%) / Homens aprovados 1342 (49,90%).

O emprego do discurso relatado, como se percebe na SD(7), reafirma os dizeres em circulação na revista, como indica o verbo “constatou” na formulação do dizer. Desse modo, pensamos que o que se apaga é a possibilidade da discordância, ainda que controlada, contida, mas que era uma das características das cartas de leitores, como observamos nas SDs(5), expostas anteriormente. Nesse novo formato, a publicação diz o que o leitor disse... ou o que vários leitores disseram, incorporando ao seu discurso o discurso do leitor, como é próprio do funcionamento do discurso relatado (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998). Ao apagar a possibilidade de outros dizeres, ainda que apresentados de forma contida, a revista reafirma o dizer uníssono, o sentido único, como afirma Pêcheux (1990 [1983]), ao nos dizer da necessidade humana de um mundo semanticamente estável.

Por fim, retornamos à primeira parte da seção “MundoSuper”, observando o infográfico que apresenta “Os destaques da SUPER em todas as plataformas”, e que mencionamos anteriormente, ao descrevermos a seção como um todo. Se considerarmos a relação entre o verbal e o não-verbal no infográfico, temos no verbal o predomínio de formas verbais no imperativo, como vemos na SD(8):

- SD(8) Mande sua dúvida...
- Siga os filósofos no Twitter...
- Ouçã as bandas... (ipad)
- Receba todos os dias as novidades... (celular)
- Curta a Super você também... (Facebook)
- Entenda como os homens estão ficando para trás...

No emprego do modo imperativo, percebemos na SD(8) a construção de sentenças que demandam por ações do sujeito voltadas para a revista e que reafirmam a formação imaginária da suposta “interação” do leitor. No não-verbal do infográfico, por sua vez, temos o globo terrestre dividido em “Reino da Revista” e “República do Site”, em uma imagem em consonância com a afirmação final do editor da publicação no editorial “A última carta” [SD(1)], que integra o *corpus* deste trabalho: “...uma revista em que as fronteiras entre digital e impresso são cada vez menos visíveis.”



Figura 1. Reprodução da primeira seção “MundoSuper”, de julho de 2011<sup>7</sup>

Na imagem, o reino e a república são áreas delimitadas, mas complementares e interligadas pela tecnologia. Na metáfora do reino e da república, podemos perceber a reafirmação das formações imaginárias dos impressos e da rede eletrônica: o reino é da revista, por isso está sujeito às restrições editoriais, mesmo nos espaços destinados aos dizeres dos leitores; enquanto a república do *site* é imaginariamente de todos, aberta à possibilidade imaginária de manifestações irrestritas do sujeito na rede eletrônica, em um

<sup>7</sup> Imagem publicada no *blog* da revista *Superinteressante*, em 20 de julho de 2011. Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/superblog/mundosuper-a-nova-secao-da-revista/>. Acesso em: 20 de agosto 2012.

movimento de intensa interação que, de tão exacerbada, dificilmente possibilita a interlocução entre sujeitos e mídia.

## Considerações finais

Iniciamos este artigo com o propósito de pensar discursivamente o gesto de extinção da seção de cartas de leitores na revista *Superinteressante*, questionando-nos acerca das implicações para o sujeito da substituição das cartas por *posts* nas redes sociais. Para isso, analisamos o editorial que anuncia o fim da seção de cartas da revista, além de compararmos a seção de cartas tradicional e aquela que a substituiu nessa publicação.

Neste percurso, em nossas breves considerações teórico-analíticas, com base em marcas linguísticas como o jogo entre voz ativa e voz passiva, e o emprego de dêiticos, mostramos como, em seu dizer sobre as cartas, a revista promove um apagamento de sua decisão editorial de não ter mais uma seção de cartas pela atribuição da responsabilidade aos sujeitos leitores (que não enviariam mais cartas à redação) e como, desta forma, a revista constitui para si a formação imaginária de uma publicação atenta às necessidades e demandas de seus leitores. Para os leitores, por sua vez, os dizeres da revista encaminham para a formação imaginária da liberdade do dizer, da possibilidade de se manifestar a qualquer momento em suas múltiplas plataformas na rede eletrônica, que constituiriam uma vantagem em relação às tradicionais cartas (vantagem que se marca, sobretudo, pelo recurso aos números, pela quantificação do dizer desses leitores).

Para além do dizer da revista no editorial, buscamos analisar nas seções “Fórum” e “MundoSuper” os modos como se apresentam os dizeres dos sujeitos leitores nesses dois momentos, observando no emprego do discurso relatado e do predomínio do modo verbal imperativo, bem como na imagem utilizada no primeiro infográfico da nova seção, os indícios dessas novas relações entre sujeito e mídia na atualidade.

Em nossas reflexões, retomamos a distinção entre interação e interlocução, trabalhada por Grigoletto (2011), e que nos permite concluir que, nas relações atuais, a mídia promove a interação permanente com os sujeitos leitores, mas o mesmo não se pode afirmar sobre a interlocução. Embora este seja um estudo preliminar, pensamos que as análises e as considerações que aqui trazemos apontam direções importantes para a nossa proposta de dar continuidade às reflexões sobre mídia e sujeito na atualidade, com foco nos novos espaços para o sujeito na mídia.

Para finalizar, recorremos a uma citação de Orlandi, em seu artigo “A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade”:

O modo de circulação dos sentidos no discurso eletrônico nos faz pensar que, pela sua especificidade, produz consequências sobre a função-autor e o efeito-leitor que ele produz. E estas consequências estão diretamente ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam. E, certamente, à materialidade significativa de seus meios. (ORLANDI, 2010, p. 5)

Pensamos que a mudança nas condições de circulação dos dizeres dos sujeitos na mídia produzem efeitos nas relações entre sujeito e mídia, bem como nas relações entre

sujeitos na atualidade. São filiações a memórias distintas que estão em jogo nas cartas de leitores e nesses novos espaços que são atribuídos ao sujeito pela mídia na rede eletrônica, são gestos que, com o nosso trabalho de pesquisa, buscamos compreender.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CAVALCANTI, M. L. (Org.). *Eu, mídia. A era cidadão e o impacto da publicação pessoal no jornalismo*. Rio de Janeiro: OPVS, 2008.

CHAPARRO, M. C. C. Carta. In: MARQUES DE MELO, J. (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992. p. 63-74.

COELHO, M. F. S. Comentário. In: MARQUES DE MELO, J. (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992. p. 75-81.

DELA-SILVA, S. C. A televisão na imprensa: sujeito e sentido entre os acontecimentos histórico, jornalístico e discursivo. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. (Org.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011. v.1, p. 287-306.

FERREIRA, M.C.. A televisão no Brasil: um olhar discursivo. *Fragmentum* (UFSM), v. 30, p. 15-26, jul./set. 2011.

FÓRUM. *Superinteressante*, edição 292, p. 12-13, junho 2011.

GRIGOLETO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. *Discursos em rede*. Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011. p. 47-78.

GWERCAMAN, S. A última carta. *Superinteressante*, edição 293, p. 10, julho 2011. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/ultima-carta-634604.shtml>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. *Polifonia* (UFMT), v. 12, p. 21-31, 2006.

MAROCCO, B. Apontamentos sobre a presença do leitor no jornal. *Unirevista*, v. 1, n. 3, p. 2, 2006.

MARQUES DE MELO, J. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

MUNDOSUPER. *Superinteressante*, edição 293, p. 14-16, julho 2011.

ORLANDI, E.P. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. *RUA* [online]. n. 16, v. 2, p. 5-17, 2010. Disponível em: [www.labeurb.unicamp.br/rua/](http://www.labeurb.unicamp.br/rua/). Acesso em: jul. 2011.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. (1975). *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 1997a.

PEREIRA, R. Leitores via e-mail. *Superinteressante*, edição 154, julho 2000. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/leitores-via-e-mail-441484.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2012.

QUEIROZ, L. S. *Do impresso para o online: uma análise da migração do caderno Megazine, do jornal O Globo, a partir da imagem do sujeito leitor*. Monografia (graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social. Niterói-RJ: [s.n.], 2012.

ROMÃO, L. M. S. O fora da rede: (co-mando de) arquivos no arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (Org.). *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 141-149.

SANTHIAGO, R. Quem acredita nas cartas do leitor? *Observatório da Imprensa*, n. 284. 06 jul. 2004. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quem\\_acredita\\_nas\\_cartas\\_do\\_leitor](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quem_acredita_nas_cartas_do_leitor). Acesso em: nov. 2011.

SOARES, A. S. F. Cartas: a teatralização do eu? *Revista Trama*, v. 2, n. 3, p. 11-26, 2006.

SUPERINTERESSANTE. Disponível em: <http://www.assine.abril.com.br/assinar/revista-superinteressante/origem=sr/ba/si>. Acesso em: 08 maio 2011.